

## SARTOR RESARTUS COMO DISCURSO TRANSCULTURAL E SUA TRADUÇÃO BRASILEIRA

Ana Helena SOUZA

Pós-Graduação em Estudos da Tradução - Universidade Federal de Santa Catarina<sup>1</sup>

**RESUMO:** *Sartor Resartus* é um livro que se destaca como uma ficção singular, ao criar, segundo Wolfgang Iser, um novo discurso: um discurso transcultural. O surgimento desse tipo de discurso está profundamente enraizado numa crise aguda da cultura ocidental. Thomas Carlyle foi um dos que percebeu a crise, buscando meios de resolvê-la. Wolfgang Iser demonstra, ao fazer a leitura de *Sartor Resartus* como discurso transcultural, a maneira como o autor escocês pretendeu transpor a cultura filosófica alemã, orientada por conceitos, para a cultura do empirismo britânico, orientada pela experiência. Neste artigo, o livro de Carlyle será abordado, de modo que possamos analisar a definição dada por Iser para o discurso transcultural. Antes, porém, o porquê do não-enquadramento de *Sartor Resartus* em qualquer um dos gêneros ficcionais estabelecidos será discutido. Por fim, pretendemos comentar as implicações deste novo discurso para a tradução do livro de Carlyle para o português.

**PALAVRAS-CHAVE:** cultura; ficção; traduzibilidade

**ABSTRACT:** *Sartor Resartus is a book, which stands out as a singular fictional work for creating, according to Wolfgang Iser, a new kind of discourse: transcultural discourse. The appearance of such discourse is deeply rooted in a serious crisis of Western culture. Thomas Carlyle was one of the writers who discerned this crisis and sought a means of resolving it. Wolfgang Iser shows, by reading Sartor Resartus as transcultural discourse, how the Scottish author intended to transpose German philosophical culture, driven by concepts, into the culture of British empiricism, guided by experience. First, in this article, Sartor Resartus will be discussed, so that the definition given by Iser for this new type of discourse may be analyzed. Before that, however, the reason that this book cannot successfully fit any established fictional genres will be focused on. Finally, the implications of transcultural discourse, as shown by Iser to appear in Sartor Resartus, will be commented upon, taking into account its translations into Portuguese.*

**KEYWORDS:** culture; fiction; translatability

### **Introdução: sobre Thomas Carlyle**

Thomas Carlyle nasceu em 4 de dezembro de 1795 em Ecclefechan, Escócia. Em 1809, começou a estudar na Universidade de Edinburgh e em 1819, mudou-se para lá. Em 1820, fez traduções do francês e escreveu uma série de artigos para uma enciclopédia. Em 1823, começou a traduzir o *Wilhelm Meister* de Goethe e a escrever um artigo sobre Schiller que seria aumentado até virar *The Life of Schiller*. A partir de 1825, traduziu diversos autores alemães e se deixou influenciar fortemente por Goethe. Publicou vários

---

<sup>1</sup> Este artigo constitui parte do projeto de tradução, introdução e notas do livro *Sartor Resartus* de Thomas Carlyle, que está sendo desenvolvido junto à PGET-UFSC e financiado com bolsa de Pós-Doutorado MEC-REUNI-UFSC.

ensaios-resenhas em periódicos (*Edinburgh Review* e *Fraser's Magazine*), sobretudo sobre a cultura e a literatura alemãs. Em 1830, começou a escrever *Sartor Resartus*, terminado em 1833 e publicado em série no *Fraser's Magazine*. Foi seu único livro de ficção. Em 1834, começou a escrever *The French Revolution* (1837) e passou a se dedicar a conferências, escritos históricos e biografias. Alguns de seus trabalhos mais importantes são: *On Heroes, Hero-Worship, and the Heroic in History, Past and Present*, e *Frederick the Great*. Morreu em fevereiro de 1881, aos 85 anos.

### ***Sartor Resartus*: conteúdo e estrutura do livro**

A peculiaridade de *Sartor Resartus* provém da construção ficcional de uma prosa, cujo objetivo central é o de expor ideias filosóficas. A história do filósofo alemão Diógenes Teufelsdröckh é narrada por um editor inglês que, ao mesmo tempo, organiza, traduz e comenta a “Filosofia das Roupas”, livro enviado pelo próprio pensador com a intenção de dar a conhecer ao público de língua inglesa suas ideias. O editor, julgando ter em mãos uma novidade filosófica que deverá exercer influência benéfica sobre o pensamento de seus compatriotas, põe-se a traduzir e comentar trechos do material recebido.

O texto é dividido em três livros, como anunciado no título: *Sartor Resartus: a vida e as opiniões de Herr Teufelsdröckh em três livros*. O livro I, composto por 11 capítulos, contém vislumbres do que estará nos dois livros seguintes. O editor, ao organizar, escrever e traduzir as citações do texto que lemos, opta por um relato que se desenvolve numa temporalidade muito próxima à dos acontecimentos editoriais que narra: recebimento da filosofia de Teufelsdröckh, decisão de editá-la, rememoração de como conheceu o autor, necessidade de obter dados biográficos sobre ele, recebimento de carta de Hofrath Heuschrecke, um discípulo de Teufelsdröckh, oferecendo-se para enviar documentos autobiográficos, e assim por diante. É quando recebe a oferta de documentos autobiográficos do filósofo que o editor concebe o livro com o título em latim de *Sartor Resartus*, ou seja, “o costureiro recosturado” ou “o alfaiate remendado”; acrescentando ainda o subtítulo *A vida e as opiniões de Herr Teufelsdröckh em três livros*, numa clara alusão a *A Vida e as opiniões do cavalheiro Tristram Shandy*, de Laurence Sterne (1713-1768).

Os documentos e notas autobiográficas vão constituir o livro II, no qual é narrada a vida de Teufelsdröckh e a crise existencial que o conduziu à Filosofia das Roupas. A indissociabilidade do tema e da estrutura sobressai muito nesse trecho do livro, não apenas porque a narração da vida e a elaboração da filosofia de Teufelsdröckh são simplesmente indivisíveis, mas sobretudo porque as intervenções do editor no texto original, principalmente no que diz respeito à suposta seleção que faz do material e dos comentários sobre o que inclui ou exclui, ganham cada vez mais relevo. Embora o relato da biografia de Teufelsdröckh seja feito linearmente, os comentários do editor indicam o sentido ao qual os leitores devem ater-se. Trata-se de vislumbrar o autor da “Filosofia das Roupas” no homem em formação. Desde o primeiro capítulo deste livro, não à toa denominado “Gênesis”, o editor avisa o leitor da presença de um “certo veio satírico” (p.68) nos relatos autobiográficos de Teufelsdröckh. No capítulo 10, último desse livro II, o editor volta a referir-se a uma possível falta de seriedade do filósofo, ao narrar trechos de sua vida, e

lança para o leitor a suspeita de que “esses Documentos Autobiográficos sejam em parte uma Mistificação” (p. 150).

O livro III, em 12 capítulos, contém mais da “Filosofia das Roupas” de Teufelsdröckh propriamente dita, embora a mesma seja, como todo o texto anterior também o fora, objeto da seleção e dos comentários do editor. O editor, além disso, adverte para a presença cada vez maior do filósofo em seu tratado, com suas opiniões pessoais e idiossincrasias a invadir um texto de teor supostamente mais abstrato, de modo que, já ao final do primeiro capítulo, volta a perguntar-se sobre a seriedade dos escritos de Teufelsdröckh. É neste livro III que se encontram os seguintes capítulos frequentemente citados: “Símbolos” (*Symbols*, capítulo 3), “Filamentos Orgânicos” (*Organic Filaments*, capítulo 7) e “Supernaturalismo Natural” (*Natural Supernaturalism*, capítulo 8).

Todos três compõem-se dos pensamentos mais filosóficos de Teufelsdröckh. O capítulo sobre os símbolos é considerado pelo editor como altamente “transcendental”, o que faz com que ele mais uma vez exerça sua censura, no intuito de deter-se apenas ao “pouco que parece lógico e prático” (p. 161) e também, como alega, por falta de espaço para incluir tudo. Aqui Teufelsdröckh desenvolve uma espécie de “teoria dos símbolos”, dos quais as roupas seriam o exemplo máximo, ao qual todos os outros símbolos poderiam ser referidos por analogia. O professor e filósofo elabora, a partir do elogio do silêncio e do segredo, sua visão dos símbolos e da importância deles, não omitindo, no entanto, que também eles estão sujeitos à caducidade e que, mesmo alguns dos mais altos símbolos – como os encontrados nas obras de arte – vão, com o tempo, perdendo sua força para as novas gerações: “O Epos de Homero não deixou de ser verdadeiro; mas não é mais *nosso* Epos, porém brilha à distância, cada vez mais claro, mas também cada vez menor, como uma Estrela minguante.” (p. 165)

No capítulo intitulado “Filamentos Orgânicos”, o editor retoma parte do pensamento político e social de Teufelsdröckh que aparecera no capítulo 5, intitulado “A Fênix”, no qual o filósofo considerava a sociedade humana do seu tempo praticamente extinta e que viria a ressurgir como uma fênix; enquanto isso, era preciso viver em meio à destruição. O editor, que já se contrapusera naquele capítulo à visão do filósofo, retoma neste capítulo 7 (“Filamentos Orgânicos”) o pensamento de Teufelsdröckh. Tal retomada deve-se ao fato de o filósofo atenuar a destruição da sociedade apreendida anteriormente, ao já perceber sinais de renascimento nela por meio, exatamente, de alguns “filamentos orgânicos”, dos quais destaca o culto aos heróis, a atividade iconoclasta de jornalistas e a literatura como sucedâneo da religião. Mais uma vez, ao longo do capítulo, o editor mostra suas discordâncias com Teufelsdröckh, especialmente quando se trata de ideias políticas que se opõem ao sistema representativo britânico.

O capítulo 8 é um dos mais citados e comentados pelos críticos de *Sartor Resartus*, uma vez que contém o trecho no qual a “Filosofia das Roupas” atinge, segundo o editor, o Transcendentalismo. Por ser esta a parte mais propriamente filosófica do livro, o editor faz a seguinte advertência: “Que o leitor, voltando para ela [a seção] a máxima força de intelecto especulativo que possui, faça a sua parte; como nós, por meio de seleção e ajuste judiciosos, nos dedicamos a fazer a nossa.” (187) Esse modo de avisar o leitor inglês quando se trata de passagens mais abstratas e especulativas, ou seja, mais propriamente alemãs, será comentado, ao abordarmos a leitura feita por Wolfgang Iser. Basta, por enquanto, destacar que o transcendentalismo de Teufelsdröckh chega à abolição do tempo

e do espaço e à visão dos seres humanos atuais como nada mais que “fantasmas” (194), espíritos que tomam a forma de um corpo, simples aparências.

Dos capítulos finais (9, 10, 11 e 12), o nono é aquele em que o editor faz um balanço de sua tarefa, junto com o reconhecimento de que se deixou “infectar” (197) pela maneira como Teufelsdröckh se expressa, e resume as vantagens da leitura da “Filosofia das Roupas” para os leitores que conseguiram segui-la até aqui. O décimo é talvez o capítulo que mais diretamente deva ao *Tale of a Tub* de Jonathan Swift (1667-1745). Nele, Teufelsdröckh faz a descrição de duas “seitas”: a dos “dândis” e a dos “pobres-escravos”. Descreve também suas residências. Diretamente satírico, é o capítulo – junto com o capítulo 6, intitulado “Old Clothes” e que faz referência a um mercado de roupas usadas em Londres – que mais aproxima o filósofo alemão da Inglaterra. Como esperado, no final do capítulo o editor pergunta-se se “a sátira era mesmo a intenção” (*satire were actually intended*, 210) do autor. O décimo-primeiro é o fecho da “Filosofia das Roupas”. Chama-se “Alfaiates” e faz o elogio dos profissionais, aos quais o filósofo deve a construção de seu pensamento. O último capítulo, “Despedida”, traz as considerações finais do editor de Teufelsdröckh com “um sentimento misto de assombro, reconhecimento e reprovação” (*a mingled feeling of astonishment, gratitude and disapproval*, 214), criticando seu estilo metafórico, cuja forma percebia como “chegando às raias do absurdo” (*bordering so closely on the absurd*, 215). Mas, ao mesmo tempo, justifica-o por ser fruto de um fracasso de Teufelsdröckh em lidar com a literatura para expressar suas ideias, dada a “veemência característica” (215) da sua pessoa. E no final, o editor dá a notícia, recebida mais uma vez por meio de uma carta do fiel Hofrath Heuschrecke, de que Teufelsdröckh desapareceu de Weissnichtwo e seu paradeiro é ignorado. O editor, então, conjectura que Teufelsdröckh possa encontrar-se em Londres.

Em resumo, o livro tem como eixo a edição da obra de um filósofo alemão, bem como de trechos de seus escritos autobiográficos, que, segundo o editor-narrador, dariam uma visão mais completa do sistema filosófico proposto, cuja recepção na Inglaterra seria muito proveitosa para a superação de certos limites do pensamento dos seus conterrâneos e contemporâneos. As personagens que surgem são elaboradas sempre através da mediação de textos. O editor-narrador, imerso na obra caudalosa de Diógenes Teufelsdröckh e nos seus escritos autobiográficos fragmentários, oscila entre a admiração e a desconfiança para com a seriedade dos documentos que tem em mãos. O filósofo Diógenes Teufelsdröckh, cujo nome já designa uma contradição entre o bem e o mal, ou mais propriamente, o elevado e o baixo (Diógenes = filho de Deus x Teufelsdröckh = bosta do diabo), é visto também de maneira refratada e mediada pela manipulação a que seus escritos – originalmente em alemão – são submetidos pelo editor. O amigo do filósofo, Hofrath Heuschrecke (= conselheiro gafanhoto), tem apenas a função de fornecer notícias e material para o editor. Os outros personagens, sejam eles os da história de vida de Teufelsdröckh ou das relações do editor, aparecem tão somente para ilustrar as narrativas do filósofo ou do Editor.

### **Dificuldades de enquadrar *Sartor Resartus* em um gênero ficcional estabelecido**

Como consequência de sua própria originalidade, *Sartor Resartus* tem recebido interpretações bastante diversas. Houve uma tendência a lê-lo com muita seriedade, praticamente isolando os trechos mais filosóficos, como os capítulos “The Everlasting Yea”, “Symbols”, “The Phoenix” e “Natural Supernaturalism”. Esse tipo de leitura foi

influenciado pela produção posterior de Thomas Carlyle como biógrafo e historiador, levando os críticos a identificarem na doutrina do personagem-filósofo Teufelsdröckh um sistema de ideias dogmático que pertenceria, afinal, ao autor, numa tentativa de justificar a presença deste livro de ficção na obra de Carlyle, composta por biografias de homens célebres, livros de história e ensaios diversos, como notaram alguns críticos (FELLUGA, 1995; RYAN, 2003). A identificação de Carlyle com seu personagem Teufelsdröckh, por sua vez, baseia-se nos pontos em comum entre a história de vida do personagem e a biografia do autor, principalmente as passagens que contam sobre sua educação e as dúvidas a respeito da fé cristã, além de encontrar também fundamento no fato de que muitas das ideias atribuídas a Teufelsdröckh são claramente endossadas por Carlyle em seus trabalhos posteriores, sobretudo aquelas que tratam da transitoriedade dos símbolos e da necessidade de renovação da sociedade e de releituras dos símbolos considerados mais importantes, tais como as obras de arte e os símbolos cristãos. Tal identificação entre personagem e autor suscitou análises que puseram em relevo o elemento biográfico ou de *Bildungsroman* de *Sartor Resartus*, mas sempre enfatizando uma abordagem que desconsiderava elementos ficcionais importantes do livro, a começar pelo narrador-editor inglês, que organiza, traduz e comenta o material recebido de Teufelsdröckh e do seu seguidor, Heuschrecke.

Leituras mais recentes, como a de J. Hillis Miller, enfatizam a forma do romance, dando atenção especial ao estilo do autor. Outras, como a de Franco Felluga, buscam aproximar-se de *Sartor Resartus*, utilizando a teoria da carnavalização e da mistura de gêneros de Mikhail Bakhtin, destacando a natureza dialógica da composição, na qual se alternam as vozes do editor, de Teufelsdröckh e ainda de Heuschrecke. Tratando dessa mesma alternância, porém com uma abordagem crítica completamente diferente, Vanessa Ryan argumenta que Carlyle deve ter concebido a estrutura narrativa de *Sartor Resartus*, dividindo-a entre editor, filósofo e, mais nos bastidores, discípulo (Heuschrecke), quando da polêmica sobre a edição de Croker da *Vida de Johnson*, escrita por Boswell. Carlyle participou ativamente dessa polêmica, que consistia na aprovação ou condenação do método do editor, John Wilson Croker, que além de incluir notas explicativas na sua edição do livro de Boswell, fazia comentários e acréscimos nos quais desqualificava cabalmente o trabalho do biógrafo de Johnson. De modo que o debate na imprensa girou não apenas em torno da edição em si, mas da própria natureza da biografia como gênero literário. Assim, Carlyle, na mesma época em que compunha *Sartor Resartus*, escreveu dois ensaios: “Biography” e “Boswell’s Life of Johnson”, nos quais defendia, contra a maioria dos debatedores, a posição de Boswell. Segundo a leitura de Ryan: “Instead of focusing on Teufelsdröckh (the stand-in for Johnson), we should take our cue from Carlyle’s defence of Boswell as the real hero of the *Life of Johnson*, and also respect the Editor’s demonstration of the inventive and creative aspect of biography.” (RYAN, 2003, p. 306). Essa visão de Ryan conduz à questão da mediação em *Sartor Resartus*, ponto essencial quando se aborda a forma do livro.

O problema não é o fato de a fonte do livro ser fictícia; o procedimento de colocar um editor para publicar um manuscrito encontrado, narrando apenas as circunstâncias em que ele lhe chegou às mãos já era mais do que corriqueiro no início do século XIX, tendo sido amplamente empregado nos romances do século XVIII. O que põe à mostra o elevado grau de mediação utilizado pelo autor é a encenação do trabalho do editor, a partir de originais que são traduzidos, citados e comentados, e cuja língua e estilo terminam por contaminar a linguagem de quem os manipula.

A “Filosofia das Roupas” é traduzida aos pedaços, submetida a uma edição que acontece no tempo do presente narrativo, dramatizando as escolhas e impasses do editor diante do material tão heterogêneo à sua disposição. *Sartor Resartus: a vida e as opiniões de Herr Teufelsdröckh em três livros*, como resultado dos esforços de um editor inglês em compor um painel da vida e obra de um filósofo alemão contemporâneo, é um texto que resiste a classificações de gênero. Nem romance, nem tratado filosófico, nem biografia, nem mesmo romance de formação (*Bildungsroman*)<sup>2</sup>, o livro contém elementos desses quatro tipos de prosa sem, contudo, abrir a possibilidade de o leitor enquadrá-lo com segurança em qualquer um deles. *Sartor Resartus* é um livro que se destaca como uma produção literária singular, diferindo dos seus modelos satíricos *Dom Quixote* e *Tristram Shandy*, ao criar, segundo Wolfgang Iser, um novo discurso: um discurso transcultural.

### **Definição de discurso transcultural**

O surgimento desse tipo de discurso está profundamente enraizado numa crise aguda da cultura ocidental. Segundo Iser, a origem da crise data da Querela entre os Antigos e os Modernos. Para provar a superioridade dos Modernos no *Parallèle des Anciens et des Modernes* (1688-97), Charles Perrault lista as diferenças entre duas culturas, a antiga e a moderna, fazendo com que “the passing of time became a frame of reference for both collating and assessing the differences” e, nesse processo “a history began to unfold itself: by discovering difference as the dividing line between cultures, history as a cross-cultural discourse emerged.” Como a cultura antiga não podia ser descartada, pois se perderia o termo de comparação, esse discurso caracteriza-se por uma natureza dual. Por um lado, a diferença entre as culturas é vista como passível de ser superada com o progresso; por outro, “this very difference has to be maintained in order to gauge the superiority achieved.” (ISER, 1996, p. 246)

A crise surge, quando o otimismo dos modernos começa a fraquejar. Iser data esse acontecimento do ensaio de Rousseau para o concurso da Academia de Dijon, publicado em 1750, no qual o escritor francês afirma que nem as artes nem a ciência tinham melhorado a moral, mas a corrompido. Tal crise, que não fizera parte do horizonte dos modernos que reivindicavam sua superioridade em relação aos antigos pouco mais de 50 anos antes, aprofundou-se na Inglaterra com a Revolução Industrial e a divisão que acarretou para a nação entre beneficiados e espoliados. Thomas Carlyle foi um dos que percebeu a crise, buscando meios de resolvê-la “by translating the past into the present and also by transposing different cultures into his own.” (ISER, 1996, p. 247) Este último é o caso de *Sartor Resartus*, argumenta o crítico. Convém, portanto, determo-nos na definição dada por Iser para esse novo tipo de discurso, chamado de transcultural.

Não se deve entender o discurso transcultural como a simples tradução de uma cultura, ou partes de uma cultura, em outra. Isso seria apenas uma “assimilação seletiva”, tendo como resultado eliminar a diferença e apropriar-se da outra cultura com o objetivo de

---

<sup>2</sup> Apesar de um dos mais renomados estudiosos do romantismo inglês tê-lo classificado assim: “Nos anos 1790 Goethe e outros escritores alemães desenvolveram o *Bildungsroman*, o romance sobre a educação do herói na vida; na Inglaterra o maior êxito (*achievement*) desse gênero é o *Sartor Resartus* de Carlyle.” (ABRAMS, 1984, p. 194)

atingir algum fim pragmático por meio dessa apropriação. O discurso transcultural manifesta-se por meio de um tipo de traduzibilidade que não se justifica nem como apropriação, nem como assimilação, nem sequer como entendimento e comunicação, pois não se submete a uma finalidade prática nem privilegia qualquer ponto da rede de interrelações que estabelece. “The network itself is a web of mobile structures, functioning as an interface between different cultures. It is a clearing station in which cultural differences are juxtaposed and sorted out.” (ISER, 1997, p. 248)

O que Wolfgang Iser demonstra, quando analisa *Sartor Resartus* como discurso transcultural, é precisamente o porquê da inadequação desse livro a qualquer um dos gêneros estabelecidos. O próprio Carlyle referiu-se a ele como “a kind of Didactic novel; but indeed properly *like* nothing yet extant.” (grifo do autor – CARLYLE, 1888, p. 105). O discurso transcultural de *Sartor Resartus* pretende transpor a cultura filosófica alemã orientada para conceitos para a cultura orientada para a experiência do empirismo britânico:

The discourse devised for such an undertaking has to remain subservient to the transposition of cultures, and such a subservience is bound to have repercussions on the form of the discourse, not least because form exercises control and brings about determination. Consequently, such a discourse has to be permeated by a self-reflexivity, manifesting itself in the very subversion of its form. (ISER, 1997, p. 249)

A subversão da forma de que fala Iser transparece na perda dos efeitos da narração, por esta ser submetida a exposições sistemáticas da filosofia transcendental e ver-se constantemente interrompida. Além disso, a forma do tratado filosófico também é a todo momento suspensa, de modo que a alternância reiterada entre narração e argumentação faz como que *Sartor Resartus* gire num espaço vazio. Nas palavras de Iser:

The narrative functions as a form of communication that strives to endow philosophical speculation with plausibility, whereas the abstractions that disrupt the narrative reveal transcendentalism as a mode of exceeding the familiar. Thus a British attitude permeates a systematic philosophy, just as German transcendentalism inscribes itself into a British disposition. (1997, p. 249)

Outro traço distintivo tanto do texto atribuído a Teufelsdröckh quanto daquele que é atribuído ao editor inglês é a presença ora da ironia ora do humor. Teufelsdröckh demonstra ironia ao exibir para o mundo a agudeza com que percebe as ilusões que deseja corrigir com a sua Filosofia das Roupas; já seu humor provém de saber que suas abstrações parecerão absurdas e serão ridicularizadas, embora sejam a solução para a cegueira dos seus coetâneos. Da parte do editor, o humor e a ironia deveriam mostrar-se inócuos por serem dirigidos igualmente a alguém que se vale dos mesmos recursos, o próprio filósofo. No entanto, funcionam como um meio de comunicar-se com os leitores britânicos, como se o editor tivesse a compreensão do que Teufelsdröckh tenta em vão transmitir, enquanto este se perde em metáforas e abstrações na tentativa de elaborar sua filosofia. Mas também fica claro que algo se esconde por trás do humor assim demonstrado: a ironia do editor falha “in view of the fact that the humorist [Teufelsdröckh] does not stand in need of being either unmasked or brought down to earth again.” (ISER, 1997, p. 254)

A utilização da biografia e da autobiografia em *Sartor Resartus* também funciona como uma forma de constituir esse discurso transcultural: “The emphasis on experience makes it obvious that German transcendentalism when transposed into British empiricism has to be executed in terms the British reader is familiar with.” (ISER, 1997, p. 259) As abstrações devem submeter-se à “supremacia da vida” (*mastery of life* – Iser, 1997, p. 260). A crise de Teufelsdröckh desencadeia-se porque ele não sabe o que “é”, sabendo que “é”. Nos três capítulos do livro II chamados de *Everlasting No*, *Centre of Indifference* e *Everlasting Yea*, que lidam com a crise pessoal de Teufelsdröckh – levando-o da mais completa descrença, através da indiferença até a afirmação da vida –, o que é estimulado é a ação. Segundo Teufelsdröckh, não se pode penetrar no mistério da vida; então, deve-se dominá-la por meio da ação. Se o transcendentalismo alemão serve a Teufelsdröckh como uma maneira de processar a experiência, foi o romantismo que gerou a possibilidade de esse processo ser observado na vida de um indivíduo, ao elevar o eu a “ser-tudo e a fim-de-tudo” (*be-all and end-all* – Iser, 1997, p. 260). A resposta de Teufelsdröckh a sua crise é a Filosofia das Roupas, cujo domínio de vida que institui possui dupla referência: “On the one hand the garment patterns what it clothes, and on the other the garment exercises an impact on the social conditions in which it is displayed.” (ISER, 1997, p. 260-1)

Iser descreve o discurso transcultural composto por Thomas Carlyle em *Sartor Resartus* como uma maneira de pôr em cena uma cultura em termos de outra; no caso, o transcendentalismo alemão nos moldes do empirismo britânico e vice-versa (ISER 1997, p. 263).

### **Importância da leitura de Iser para a tradução de *Sartor Resartus***

O que é instigante na leitura de Wolfgang Iser é a abertura que ela contém, no sentido de não tentar enquadrar o texto em gêneros com os quais ele não se coaduna. Tampouco o teórico procura prendê-lo no compartimento da ficção. Na conclusão do seu ensaio, Iser sublinha mais uma vez as características estéticas de *Sartor Resartus*, que derivam do fato de ser um discurso que “liberates its referential control from any pre-given frame of reference in order to generate its own control by constantly shifting modes of reference”. Por outro lado, “its amphibolic nature, as manifested by its inherent duality” impede que *Sartor Resartus* se transforme numa obra de arte, pois atua como um “catalisador” (*catalyst*): “It stages a mutual mirroring of cultures and disappears when it has wrought the transformation of the cultures concerned” (1997, p. 264). Ou seja, a construção do livro como obra de arte literária é prejudicada pela própria natureza do discurso que instaura. Tanto as características estéticas não conseguem formar um todo que organize uma obra literária coerente em si mesma, quanto as duas culturas postas em cena não devem sobrepor-se definitivamente uma à outra. A função do discurso transcultural é fazer com que os pontos fortes e fracos de ambas as culturas sejam iluminados, de modo a tentar encontrar um caminho para superar a crise em que estão imersas e que o livro trabalha para tornar evidente.

O que nos interessa, ao propormos a tradução de *Sartor Resartus*, é seu caráter ficcional. Obra cheia de mediações que dificultam, a par do seu estilo altamente metafórico, a classificação do tipo de discurso que nele se compõe, *Sartor Resartus* é um livro que estimula o pensamento sobre a realização literária. Como vimos acima, as muitas leituras e diversas formas de abordagem do livro sublinham sua complexidade. A análise de Iser, ao expor como esse livro de Carlyle constrói um discurso transcultural a partir da



traduzibilidade existente em cada cultura, amplia a perspectiva para que se leia o texto de modo a entendê-lo como uma experiência diferente das que eram feitas até então no terreno da ficção.

Segundo o crítico, *Sartor Resartus* como obra de arte literária não chega a ser bem sucedido. Falta-lhe autonomia narrativa. Como texto filosófico, por sua vez, falta-lhe sistematização. Seu caráter ficcional, no entanto, é inegável e é dentro do universo da ficção que pretendemos apresentá-lo, apontando no ensaio que introduzirá a tradução os procedimentos ficcionais típicos aos quais Carlyle recorreu. A caracterização de *Sartor Resartus* como discurso transcultural será valiosa, quando as características mais obviamente literárias e ficcionais, incluindo-se aqui os elementos retóricos e aqueles estudados pela teoria da narrativa, não puderem mais dar conta do texto no que ele fica além ou aquém desses traços. Com o auxílio da descrição desse novo discurso, feita por Wolfgang Iser, intenta-se apresentar *Sartor Resartus* ao leitor brasileiro com a importância, a complexidade e a capacidade de gerar interpretações, leituras e releituras que o texto possui.

### Referências:

ABRAMS, M. H. **The Correspondent Breeze**: essays on English Romanticism. New York/London: W.W. Norton & Co., 1984.

CARLYLE, Thomas. **Letters of Thomas Carlyle**: 1826-1836. NORTON, Charles Eliot (Ed.). London/New York: MacMillan and Co., 1888, v.2 [1832-1836], 418p.

\_\_\_\_\_. **Sartor Resartus**: The Life and Opinions de Herr Teufelsdröckh in Three Books. Tarr, Rodger L.(Ed.). Berkeley: University of California Press, 2000.

FELLUGA, D. Franco. Felluga, D. Franco. The critic's new clothes: Sartor Resartus as "Cold Carnival". **Criticism**, Detroit, v. 37, n. 4, p. 583-599, 1995. Disponível em <<http://www.highbeam.com>> Acesso em: 12 ago. 2011.

ISER, Wolfgang. The emergence of a cross-cultural discourse: Thomas Carlyle's *Sartor Resartus*. In: BUDICK, Sanford; ISER, Wolfgang (Eds.). **The Translatability of Cultures**: figurations of the space between. Stanford, Ca: Stanford University Press, 1996, p. 245-264.

MILLER, J. Hillis. Verdade hieroglífica em *Sartor Resartus*: Carlyle e a linguagem da parábola. In: **A ética da leitura**: ensaios 1979-1989. Trad. Kátia Maria Orberg. Rio de Janeiro: Imago, 1995, p. 151-173.

RYAN, Vanessa L. The unreliable editor: Carlyle's *Sartor Resartus* and the art of biography. **The Review of English Studies**, Oxford, Vol. 14, n. 215, p. 287-307, 2003. Disponível em: <<http://res.oxfordjournals.org/content/54/215/287.full.pdf+html>> Acesso em: 26 ago. 2011.